



Evento: XXXIV Seminário de Iniciação Científica

AVALIAÇÃO DO APOIO SOCIAL DE PESSOAS COM TRANSTORNOS MENTAIS GRAVES E PERSISTENTES ¹

Júlia Wontroba Lemos², Carolina Rodrigues Rusch³, Eliane Schmidt⁴, Paulo Ricardo Favarin Gomes⁵, Adriane Cristina Bernat Kolankiewicz⁶

¹Projeto de pesquisa desenvolvido na Unijuí; com financiamento da agência FAPERGS.

²Estudante do curso Medicina, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - PROBIC/PROBITI-FAPERGS.

³Estudante do curso Enfermagem. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica.

⁴Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Atenção Integral à Saúde (PPGAIS).

⁵Enfermeiro. Doutorando do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Atenção Integral à Saúde (PPGAIS).

⁶Enfermeira. Professora orientadora do projeto Letramento em Saúde na perspectiva de pessoas que vivem com transtornos mentais: estudo de métodos mistos; Doutora em Ciências; Docente dos cursos de Enfermagem e Medicina da Unijuí; Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Atenção Integral à Saúde (PPGAIS) e bolsista produtividade do CNPq.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, os padrões de convivência social têm se modificado, caracterizados pelo aumento do número de pessoas que vivem sozinhas e pela redução de interações sociais. Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a solidão e o isolamento social como determinantes sociais da saúde, por estarem associados a desfechos desfavoráveis (OMS, 2023), com impacto sobre a mortalidade comparável ao de fatores de risco clássicos como tabagismo e consumo de álcool (Holt-Lunstad et al., 2010).

A solidão social caracteriza-se pela percepção de que as relações interpessoais são insuficientes ou menos satisfatórias do que o desejado, sendo frequentemente acompanhada por sentimentos de desconexão e não pertencimento. Nesse contexto, destaca-se o Apoio Social (AS), entendido como um construto multidimensional que contempla o apoio emocional, material e afetivo. O AS transcende a ajuda objetiva, consistindo na percepção subjetiva de ser valorizado e cuidado, fator essencial ao equilíbrio emocional (Andrade et al., 2022).

Evidências demonstram que maiores níveis de AS estão associados à redução de sintomas de ansiedade, estresse e depressão, à melhora da funcionalidade e à menor ocorrência de transtornos mentais (TMs), configurando-se como fator protetor para a saúde mental. Além disso, redes de suporte consistentes favorecem a compreensão e a utilização de



informações para o gerenciamento da própria condição de saúde, fortalecendo a autonomia e o protagonismo durante o tratamento (Fragelli, 2021; Pita et al., 2022; Góes et al., 2023; Nutbeam; Lloyd, 2021).

Investigar o AS em pessoas com TMs graves e persistentes também se alinha aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) 3 e 10 da Agenda 2030 da ONU ao contribuir para a promoção da saúde mental, do bem-estar e para a identificação de vulnerabilidades sociais relacionadas às desigualdades no cuidado.

Embora existam evidências sobre os benefícios do AS, permanecem lacunas quanto ao AS percebido por pessoas com TMs acompanhadas em serviços de saúde mental (Lima et al., 2021). Diante dessa carência, este estudo teve como objetivo avaliar o AS percebido por pessoas com TMs graves e persistentes acompanhadas em um CAPS II.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, desenvolvido em um CAPS II de um município do interior do Rio Grande do Sul, entre maio e outubro de 2023. A amostra, obtida por conveniência, foi composta por 444 pessoas com TMs graves e persistentes em acompanhamento, excluídos os participantes com comprometimento cognitivo que impossibilitasse a compreensão dos instrumentos de coleta.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário sociodemográfico elaborado pelas pesquisadoras e por meio da Escala de Apoio Social do *Medical Outcomes Study* (MOS-SSS), instrumento composto por 19 itens distribuídos em cinco dimensões (material, afetiva, emocional, informacional e interação social positiva), cujos escores são padronizados em uma escala de 0 a 100, na qual valores mais elevados indicam maior percepção de AS.

Os dados foram analisados por estatística descritiva no software SPSS versão 25.0. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer nº 5.966.864).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 444 pessoas, com predominância do sexo feminino (75,9%), idade entre 45 e 54 anos (26,4%), raça/cor branca (76,6%), escolaridade de até nove anos de estudo (55,5%), renda familiar de até dois salários mínimos (77,4%) e residência com outras pessoas (83,3%). Entre os diagnósticos, predominaram os transtornos depressivos (61%).



A análise das dimensões da MOS-SSS mostrou maior escore médio para o apoio afetivo ($64,3 \pm 24,8$), seguido do apoio material ($59,2 \pm 26,3$). Os menores escores ocorreram nas dimensões apoio informacional ($54,7 \pm 28,6$), apoio emocional ($53,7 \pm 28,8$) e, principalmente, interação social positiva ($51,4 \pm 28,4$).

O perfil sociodemográfico caracteriza uma população em vulnerabilidade social, marcada por baixa escolaridade, baixa renda e elevada frequência de transtornos depressivos, aspectos relevantes para a interpretação dos achados relacionados ao AS.

A expressiva participação feminina (75,9%) corrobora achados da literatura, que também descrevem maior frequência de mulheres e baixa escolaridade entre usuários de CAPS (Silva et al., 2025), além de maior prevalência de depressão autorreferida no sexo feminino (Brito et al., 2022). Segundo Ludermit et al. (2002), esse cenário relaciona-se às desigualdades sociais e de gênero, especialmente quando associadas à baixa escolaridade, pobreza e sobrecarga dos múltiplos papéis sociais atribuídos às mulheres.

Embora a maioria dos participantes resida com outras pessoas (83,3%), essa característica não foi acompanhada por maiores níveis de AS percebido. Os escores da MOS-SSS mostram, entretanto, que compartilhar o mesmo domicílio não implica, necessariamente, em se sentir apoiado, o que reforça o caráter subjetivo do AS.

Apesar do maior escore do apoio afetivo, os menores valores observados para apoio informacional, apoio emocional e interação social positiva evidenciam que a fragilidade do AS não se restringe a um único domínio, envolvendo o acesso à informação, os vínculos de confiança e as oportunidades de convivência.

A interação social positiva apresentou o menor escore médio, sugerindo limitações na construção e manutenção de relações sociais. Esse achado é consistente com estudos, que associam menores níveis de interação social à maior intensidade de sintomas depressivos, reforçando a relevância da participação social no cuidado em saúde mental (Pita et al., 2022).

O apoio emocional também apresentou baixos escores, indicando menor disponibilidade de escuta e acolhimento. Essa dimensão é fundamental para a adesão ao tratamento, pois níveis elevados de AS favorecem a adesão terapêutica, enquanto relações familiares conflituosas tendem a comprometê-la (DiMatteo, 2004).



A elevada frequência de participantes com até nove anos de escolaridade merece destaque pela associação entre menor escolaridade e menores níveis de letramento em saúde (LS), entendido como a capacidade de compreender e utilizar informações em saúde (Nutbeam; Lloyd, 2021). Nesse contexto, a reduzida percepção de AS pode dificultar a participação nas decisões relacionadas ao cuidado e limitar o desenvolvimento do LS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados evidenciam fragilidades no AS percebido pelas pessoas com TMs graves e persistentes acompanhadas no CAPS II, especialmente nos domínios de interação social positiva e apoio emocional. Associado ao perfil sociodemográfico identificado, esse achado reforça que a reduzida percepção de AS ocorre em um contexto de vulnerabilidade social, com repercussões na autonomia, na participação social e no letramento em saúde.

Diante das fragilidades identificadas, faz-se necessário ampliar o cuidado para além do manejo clínico, fortalecendo as redes de apoio, reduzindo o estigma, promovendo a inclusão social e capacitando os profissionais de saúde, favorecendo a adesão ao tratamento e a continuidade do cuidado. Essas estratégias fortalecem a saúde mental, reduzem desigualdades em saúde e dialogam com os ODS 3 e 10 da Agenda 2030.

Palavras-chave: Apoio social. Transtornos mentais graves e persistentes. Fatores sociodemográficos. Saúde mental.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), pela concessão da bolsa de Iniciação Científica, e à Prof.^a Dr.^a Adriane Kolankiewicz, pela orientação e contribuições a este estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (ABNT)

ANDRADE, Bianca Gansauskas et al. Apoio social e resiliência: um olhar sobre a maternidade na adolescência. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 35, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/tBRHcGN6MVDL4fRpYVCrS7H/?format=pdf&lang=pt>.

BRITO, Valéria Cristina de Albuquerque et al. Prevalência de depressão autorreferida no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 e 2013. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 31, n. esp. 1, e2021384, 2022. DOI: 10.1590/SS2237-9622202200006.especial.



DIMATTEO, M. Robin. Social support and patient adherence to medical treatment: a meta-analysis. *Health Psychology*, Washington, DC, v. 23, n. 2, p. 207-218, 2004. DOI: 10.1037/0278-6133.23.2.207.

FRAGELLI, Thaís Branquinho Oliveira; FRAGELLI, Ricardo Ramos. Por que estudantes universitários apresentam estresse, ansiedade e depressão. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 11, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/29593>.

GÓES, Fernanda Garcia Bezerra et al. Estratégias de prevenção e promoção em saúde mental para enfermagem diante da pandemia da COVID-19. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, v. 13, 2023. Disponível em: <http://periodicos.ufsj.edu.br/recom/article/view/4805>.

HOLT-LUNSTAD, Julianne; SMITH, Timothy B.; LAYTON, J. Bradley. Social relationships and mortality risk: a meta-analytic review. *PLoS Medicine*, San Francisco, v. 7, n. 7, e1000316, 2010. DOI: 10.1371/journal.pmed.1000316.

LIMA, Tiago Jessé Souza; SOUZA, Luana Elayne Cunha de. O suporte social como fator de proteção para as mães de crianças com Síndrome da Zika Congênita. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 8, p. 3031-3040, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/jcDpPrbdvPp9gJd7SXtZSPK/?lang=pt>.

LUDERMIR, Ana Bernarda; MELO FILHO, Djalma A. de. Condições de vida e estrutura ocupacional associadas a transtornos mentais comuns. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 213-221, abr. 2002.

NUTBEAM, Don; LLOYD, Jennifer E. Understanding and responding to health literacy as a social determinant of health. *Annual Review of Public Health*, Palo Alto, v. 42, p. 159-173, 2021. DOI: 10.1146/annurev-publhealth-090419-102529.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS lança Comissão para promover a conexão social. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/15-11-2023-who-launches-commission-to-foster-social-connection>.

PITA, Lucas et al. Fibromialgia associada aos transtornos mentais: depressão e ansiedade. *Visão Acadêmica*, Curitiba, v. 23, n. 1, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/361130667_FIBROMIALGIA_ASSOCIADA_AOS_TRANSTORNOS_MENTAIS_DEPRESSAO_E_ANSIEDADE.

SILVA, G. S. A. da et al. Perfil sociodemográfico e clínico dos usuários atendidos em um centro de atenção psicossocial. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, v. 25, e19491, 2025. DOI: 10.25248/reaenf.e19491.2025.